

ALFABETIZAÇÃO E AS PRÁTICAS SOCIAIS.

LITERACY AND SOCIAL PRACTICES.

¹OLIVEIRA, J. R.; ²PAULA, C. S.; ³SANTOS, L. C.; ⁴NICACIO, R. T.

⁵Departamento de Pedagogia –Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o processo de alfabetização e o papel do professor alfabetizador. Destaca-se a concepção que o professor tem sobre a aprendizagem do aluno como determinante na orientação da sua prática pedagógica. Sendo premissa a criança como protagonista do seu conhecimento faz-se necessário que o professor proponha atividades que potencializem o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Este trabalho bibliográfico teve como objetivo refletir sobre as práticas de ensino do professor alfabetizador considerando que as crianças são seres que possuem experiências próprias e pessoais sobre a escrita mesmo antes de entrarem na escola. As discussões aqui apresentadas evidenciaram que a aprendizagem significativa requer que se atenda às necessidades individuais dos educandos e, assim, deve-se abandonar a ideia de um ensino único e mecanizado que desconsidera as individualidades.

Palavras-chave: Alfabetização. Aprendizagem. Letramento.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the process of literacy and the role of the literacy teacher. It is noteworthy that the teacher has on the apprenticeship of the student as a determinant in the orientation of their practice. Is premised on the child as the protagonist of his knowledge it is necessary that the teacher propose activities that potentiate the development of student learning. This bibliographic study aimed to reflect on teaching practices of literacy teacher whereas children are beings who have their own personal experiences and about writing even before they enter school. The discussions presented here showed that meaningful learning requires that meets the individual needs of students and thus must abandon the idea of a unique and mechanized teaching that disregards individualities.

Keywords: Literacy. Learning. Literacy.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos a alfabetização de crianças tem se apresentado como um grande desafio aos professores. Por um lado, muitos professores enfrentam dificuldades em alfabetizar as crianças, alguns desesperam-se e até receiam enfrentar tal tarefa. Por outro lado, muitas vezes, o processo de alfabetização torna-se engessado levando os professores, cujas práticas de ensino apoiam-se numa concepção tradicional, tentar modificá-la sem fazer um planejamento adequado. Talvez esses fatores possam explicar o desinteresse de alguns profissionais nas práticas de alfabetização.

¹ Graduanda do 6º semestre do Curso de Pedagogia das FIO

² Graduanda do 6º semestre do Curso de Pedagogia das FIO

³ Graduanda do 6º semestre do Curso de Pedagogia das FIO

⁴ Orientadora da Pesquisa

Esta pesquisa bibliográfica tem como objetivo refletir sobre as práticas de ensino do professor alfabetizador considerando que as crianças são seres que possuem experiências próprias e pessoais sobre a escrita mesmo antes de entrarem na escola. As referências trazidas à discussão apoiam-se nas ideias de alfabetização propostas nos estudos de Ferreiro (2001), Lerner (2002), Rojo (2006) e Weisz (2000), e suas contribuições para intervenções educativas pautadas na construção do conhecimento, retomando reflexões acerca das práticas e saberes do professor que interferem na alfabetização.

CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO E O SEU PROCESSO

Para Ferreiro (2001), a aprendizagem tradicional divide em dois pólos, “quem ensina e quem aprende” sem evidenciar um terceiro elemento que é natureza do objeto de conhecimento que envolve a aprendizagem. Poderíamos ressaltar, este objeto, não como uma entidade, mas como parte de uma tríade composta pelo sistema de representação alfabética da linguagem, concepção de quem aprende e de quem ensina. Descreve ainda, que a escrita pode ser concebida de duas formas diferentes, a primeira como a representação das letras que se converte em simples som da fala, sendo centrada na discriminação visual e sonora e, a segunda concebe a escrita como um sistema de representação da linguagem que as crianças usam no seu cotidiano. Para a autora o processo de alfabetização não é um processo mecânico, mas um caminho que a criança faz a partir de seu próprio ponto de vista na busca por compreender como se escreve (FERREIRO, 2001).

Desse modo, começa-se entender que a criança elabora ideias a partir de sua compreensão acerca do mundo que a rodeia, construindo para si, objetos complexos de conhecimento, sendo um deles o sistema de escrita. Como cita a autora: “Desde que nascem são construtoras do conhecimento” (FERREIRO, 2001, p.65).

Parte-se desta perspectiva para pensar nas práticas de alfabetização, pois grande parte dos professores está desorientada quanto a isso, tratando este processo de aquisição da escrita não como uma linguagem, mas como um sistema em que a criança não pode desenvolver a leitura e escrita antes de ser ensinada na escola, ou ainda, antes de aprender como funciona essa relação entre o som e o registro. Conforme aponta Rojo (2006) em algumas situações o alfabetizador ainda não entendeu o processo de aprendizagem e separa os conceitos de letramento e de alfabetização. Alguns ainda não estão trabalhando com essas duas concepções

juntas, ou seja, com a ideia de que ensinamos a escrever em práticas sociais de escrita. É preciso que o professor, como alfabetizador, tenha esse conhecimento além de refletir sobre como as crianças aprendem e se apropriam destes objetos que são a leitura e a escrita.

DESENVOLVIMENTO

Observa-se que muitos professores acreditam que a criança tem que esperar a idade certa para desenvolver a aprendizagem da leitura e da escrita, isso ocorre porque a escola coloca-se numa posição de controle sobre o que pode ou não ser aprendido pela criança não deixando a mesma avançar em seu conhecimento, mecanizando sua aprendizagem, além de desenvolver uma educação controlada e apoiada apenas na memorização.

Para Ferreiro (2001) “A instituição social criada para controlar o processo de aprendizagem é a escola. Logo a aprendizagem deve realizar-se na escola” (FERREIRO, 2001, P. 65). Compreende-se que a escola é a instituição criada para o ensino, mas a criança já traz todo um repertório de fora dela construída em suas experiências. Assim, seria mesmo só na escola que a aprendizagem se inicia?

O maior problema das escolas hoje tem sido a prática de ensino centrada na codificação e na decodificação (escrita e leitura), querendo tornar todos os alunos iguais na sala de aula com a intenção de que todos juntos passem para o ano seguinte sabendo ler e escrever.

Délia Lerner (2002) destaca que a escrita autônoma é construída num processo contínuo de práticas e experiências, pois quanto mais praticarem a escrita não só no ambiente escolar, mas também fora dele, mais se aperfeiçoarão. E, quando a aprendizagem chega à escola é necessário um bom planejamento do professor para que realize as intervenções que atendam as necessidades de cada um na aprendizagem da escrita.

Contudo, destaca Lerner (2002),

O desafio é - por outro lado - orientar as ações para a formação de escritores, de pessoas que saibam comunicar-se por escrito com os demais e com elas mesmas, em vez de continuar “fabricando” sujeitos quase ágrafos, para quem a escrita é tão estranha, que se recorre a ela somente em última instância e depois de haver esgotado todos os meios para escapar de tal obrigação (LERNER, 2002, p.28).

Ou seja, é essencial ensinar aos alunos que o ato de escrever serve para organizar e reorganizar os conhecimentos e pensamentos por meio da língua escrita e, para isso o professor deve buscar meios para formar leitores e escritores, o que significa mais do que apenas saber reproduzir sílabas ou palavras memorizadas, característica do ensino em cartilhas.

O educador deve se esforçar para alfabetizar as crianças de forma integral, oferecendo-lhes oportunidades para que se apropriem da escrita em seu uso social, adquirindo conhecimentos úteis na formação de cidadãos conscientes. Lerner (2002) alerta ainda que o desafio

[...] é promover a descoberta e a utilização da escrita como instrumento de reflexão sobre o próprio pensamento, como recurso insubstituível para organizar e reorganizar o próprio conhecimento, em vez de manter os alunos na crença de que a escrita é somente um meio para reproduzir passivamente, ou para resumir- mas sem reinterpretar - o pensamento de outros (LERNER, 2002, p.29).

Ao ensinar os alunos, deve-se compreender que o ato de escrever serve para rever os conhecimentos e pensamentos por meio da língua escrita e o desafio da escola hoje é combater a discriminação, ou melhor, impedir que sejam formadas pessoas reprodutoras de escritas sem sentido, para isso o professor deve propor práticas que ofereçam oportunidades de crescimento pessoal a todos os alunos.

Ao se preocupar com a aprendizagem efetiva dos alunos, deve-se compreender a didática da alfabetização para além da concepção de que escrita seja um código, essas práticas não consideram a escrita em seu contexto social e apresenta-se sem sentido aos alunos. Essa visão simplista de que é preciso primeiro alfabetizar e depois “letrar” é o que sustenta a concepção de alfabetização dos professores que hoje, define-se como tradicionais, ou melhor, aqueles que preocupam-se em ensinar todos como se fossem iguais do ponto de vista das formas de aprender e das experiências vividas.

O alfabetizador deve ter conhecimento dos diferentes componentes que fazem parte do processo de alfabetização, é fundamental que o mesmo seja um pesquisador, procurando sempre estar atualizado com relação aos conhecimentos sobre a alfabetização, bem como de suas práticas de ensino, além, é claro, dos usos sociais da língua escrita e seus fundamentos.

Porém, para que se faça um bom planejamento, o professor deve preparar suas aulas procurando partir dos conhecimentos prévios de seus alunos, e ao colocar o

plano em prática poderá observar o andamento do processo de aprendizagem dos mesmos. Lembrando que é preciso que esse plano seja flexível podendo haver mudanças sempre que for necessário, pois a prioridade é atender as necessidades individuais de aprendizagem de cada aluno.

Segundo Ferreiro (2001), Piaget destacava em seus estudos que cada pessoa tem um modo de pensar que é o único, por isso o professor precisa adotar o ponto de vista do seu aluno em desenvolvimento para melhor compreendê-lo.

Torna-se necessário parar para pensar no ponto de vista de todos, especialmente da criança como um ser em desenvolvimento e em processo de construção de conhecimento constante, colocando o aluno como centro na aprendizagem e como protagonista de seu próprio conhecimento. Compreender o processo pedagógico de alfabetização não é uma tarefa fácil, pois implica em várias questões, uma delas é ter clareza dos objetivos, além da sensibilidade que irá nortear uma prática cada vez mais adequada aos objetivos traçados. Portanto, a prática pedagógica realizada nas escolas precisa voltar-se a um olhar construtivista que orienta ao constante repensar sobre o ato de ensinar, e não simplesmente fazer porque é um desejo passar o conhecimento. É preciso desenvolver em si o verdadeiro valor de formar o aluno como um todo, despertando na criança um novo olhar sobre a própria aprendizagem.

Alerta Weisz (2000, p.19):

[...]a forma pela qual se costuma conceber a aprendizagem das crianças a partir da própria perspectiva ao adulto que já domina o conteúdo que quer ensinar. Dessa forma, não é possível compreender o ponto de vista do aprendiz, pois não se pode “enxergar” o objeto de conhecimento com os olhos de quem ainda não sabe.

Muitas vezes o professor se recusa em saber o conhecimento prévio do aluno, não deixando que o mesmo tenha voz e expresse suas dúvidas diante do que lhe foi proposto. Dessa forma não cria situações que tenham sentido para a criança, impedindo cada vez mais que avance em seus conhecimentos. É preciso considerar o que tão bem Weisz (2000, p.22) ressalta, ou seja, “[...] todo ensino se apoia na aprendizagem”, essa ideia remete a outra, que o professor precisa assumir o papel de mediador e, nesta perspectiva voltar seu olhar a dois ângulos opostos e interdependentes, o de quem ensina e o de quem aprende, verificando sempre se o que está ensinando para o aluno tem sentido e atende suas necessidades de

aprendizagem, pois se para o aluno não houver sentido o professor não terá, de fato, ensinado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa bibliográfica apresentou-se algumas reflexões acerca da relevância dos professores compreenderem os processos de ensino e de aprendizagem de seus alunos pois, a partir delas apoiam suas práticas pedagógicas de alfabetização. Observa-se que ainda estão centradas na decodificação e memorização da criança sem evidenciar o conhecimento prévio do aluno.

Em suma destaca-se, o trabalho do professor alfabetizador hoje, como um grande problema a ser enfrentado em algumas escolas, que por sua vez, requerem um novo olhar para a didática, para que cada vez mais a aprendizagem atinja a todos os alunos.

No que diz respeito ao ensino é necessário construir um novo olhar para a aprendizagem do aluno, pois o fato de se propor a ensinar não significa que o aluno esteja aprendendo, daí a necessidade de buscar formação constante. Dentro da concepção construtivista, ao criar desafios para os alunos, o professor concebe a criança como um ser capaz e cria pontes para ela ser protagonista de seu próprio conhecimento, com autonomia e segurança, e esse é o sentido inicial da mediação que o professor deve assumir. É preciso que o ensino mecanizado e apoiado na memorização seja banido das práticas de alfabetização, pois como visto, as crianças possuem diferentes experiências com a escrita antes mesmo de entrarem na escola.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. São Paulo: Afiliada, 2001

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola**: O real, o possível e o necessário. Tradução Ernani rosa. – Porto Alegre: ARTMED, 2002.

SÃO PAULO (Estado) Secretária da Educação. **Ler e escrever**: guia de planejamento e orientações didáticas; professor alfabetizador; Adaptação do material original, (Cláudia Rosenberg Aratangy, Rosalinda Soares Ribeiro de Vasconcelos, Ivânia Paula Almeida). 7. ed. Compilada, revisada e atualizada. V. 1 e 2. São Paulo: FDE, 2014.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Afiliada, 2000.